



O ORIENTALISMO NO CONTO “O SALTEADOR” (1891) DE CRISTÓVÃO AIRES¹

Vitória CHIOVETTO²
Helder GARMES³

RESUMO: O artigo em questão se propõe a investigar traços de orientalismo, conceito criado por Edward W. Said (1979), presentes no conto “O salteador”, do escritor goês Cristóvão Aires (1853-1930), contido em seu livro de contos *Longínquas: fantasias orientais*, de 1891. O orientalismo como um modo estereotipado e opressor de ver a Ásia aparece no conto de Aires, principalmente, pelo olhar do narrador onisciente, ao descrever o ambiente e as personagens indianas. Apesar disso, o autor pode ser incluído na vertente literária indianista de Goa, que tinha como meta recuperar os valores hindus perdidos na colonização. Este texto também traz um panorama histórico da vida de Cristóvão Aires, sempre em função de entender as contradições presentes no conto “O salteador”.

PALAVRAS-CHAVE: Cristóvão Aires, Orientalismo, Literatura Goesa de Língua Portuguesa, Literatura Indo-portuguesa.

ORIENTALISM IN THE SHORT STORY “O SALTEADOR” (1891) BY CRISTOVÃO AIRES

ABSTRACT: The article in question aims to investigate the traces of Orientalism, a concept created by Edward W. Said (1979), present in the short story “The robber” (O salteador) by the Goan writer Cristóvão Aires (1853-1830) contained in his book of stories *Faraway: oriental fantasies* (*Longínquas: fantasias orientais*) from 1891. The Orientalism as a stereotypical way of viewing the Asian Continent appears in Aires' short story mainly by the omniscient narrator's description of the environment and Indian characters. Still, the author is a part of the Indianist Literary Movement in Goa, whose main goal was to recover the Hindu values,

1 Este artigo resulta de uma pesquisa de Iniciação Científica com bolsa oferecida pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

2 Graduanda em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – São Paulo – SP – Brasil. 05508-900. Endereço eletrônico: <vitoria.chiovetto@usp.br>.

3 Doutor em Letras – Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa – pela Universidade de São Paulo (USP) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Possui estágios pós-doutorais na École des Hautes Études en Sciences Sociales (2005), no College of Humanities da Ohio State University (2009) e na University of Leeds (2016). Atualmente é professor livre-docente da Universidade de São Paulo, no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (USP-FFLCH-DLCV), atuando especialmente nas áreas de literatura portuguesa, estudos comparados de literaturas de língua portuguesa e história da literatura. Endereço eletrônico: <helder@usp.br>.

lost during the colonization. This text also provides a historical overview of Cristóvão Aires' life, always attempting to understand this controversy present in "The robber" (O salteador).

KEYWORDS: Cristóvão Aires, Orientalism, Goan Literature in Portuguese, Indo-portuguese Literature.

Ao pensarmos no sistema colonial português da perspectiva brasileira, é comum olharmos somente para o período em que o Brasil sustentou o país europeu. Entretanto, o objetivo primordial português foi na Ásia. Além de várias regiões da África, uma das principais colônias lusitanas desde o século XVI até meados do século XX esteve situada na costa sudoeste da Índia, em Goa.

Sua história colonial, para além do comércio, envolveu, no campo cultural, um sincretismo religioso forçado, sendo o hinduísmo oprimido pelo catolicismo, mas mantendo-se o sistema de castas, porque servia aos interesses da coroa portuguesa. É somente ao final da segunda metade do século XIX que os autores goeses que escreviam em língua portuguesa passam a fazer uma retomada de suas raízes hindus, por conta da perda de poder da igreja católica e de uma crescente laicização do estado português, entre outras razões. Este é o caso de Cristóvão Aires, mas também de Fernando Leal (1846-1910) com o poema "O rei de Benares", publicado no livro *Relâmpagos* (1888), Floriano Barreto (1877-1905), com o poema "A bailadeira da Índia", publicado no livro *Phalenas* (1898), entre outros.

Esse movimento de buscar seletivamente o que foi deixado de lado com a colonização lusitana perdurou até meados do século XX e é o que os especialistas, como Devi & Seabra (1971) e Joana Passos (2012), chamam de indianismo de Goa, designação inspirada no indianismo brasileiro de Gonçalves Dias, José de Alencar, entre outros, que associaram a identidade indígena à origem da identidade nacional brasileira. No caso de Goa, que jamais se constituiu em uma nação independente, o indianismo se revelou como uma forma de nativismo, que valorizava a especificidade da identidade goesa frente à identidade da metrópole portuguesa e de outras regiões coloniais do império português.

No artigo de Duarte Drumond Braga e Hélder Garmes, “Indianismos na poesia brasileira e goesa: os casos de Gonçalves Dias e de Paulino Dias”⁴, de 2016, os autores traçam um paralelo entre as duas vertentes literárias que, apesar de não existirem em sincronia – o indianismo brasileiro veio primeiro, entre as décadas de 1830 e 1860, e o indianismo goês é mais tardio, tendo seu início na segunda metade do século XIX, perdurando até a década de 1930 –, compartilharam a mesma inspiração: recuperar as características de um momento pré-colonial.

Enquanto o indianismo brasileiro se originou após o período de independência e buscava no indígena uma oposição ao colonizador, o indianismo goês funcionou como uma exaltação da cultura hindu dentro do sistema colonial. Sobre isso, Braga e Garmes afirmam:

[...] o primeiro [indianismo brasileiro] deriva quase imediatamente da independência política do Brasil, que procura com afincos um símbolo nacional e rapidamente o encontra no índio como emblema de distinção brasileira face ao colonizador. É, portanto, um gesto anticolonialista e de afirmação da nacionalidade. No caso goês, é antes um movimento literário de valorização da cultura hindu dentro do quadro colonial, num momento de abertura política às populações não-católicas das colônias portuguesas motivada pela implantação da República. (BRAGA & GARMES, 2016, p. 747-748)

No contexto de virada de século, o indianismo goês não foi pensado como uma afronta direta à colonização, mas funcionou como um primeiro passo na construção do pensamento de independência de Goa. Não houve uma cisão completa com a metrópole, mas, como observaremos neste artigo, autores como o próprio Cristóvão Aires retrataram a Índia dentro do sistema colonial. Isso fica ainda mais evidente quando se constata que estes autores faziam parte da elite católica goesa que se beneficiava dos privilégios oferecidos pela metrópole. O conto objeto deste artigo, “O salteador”, pode ser visto como um exemplar desta dinâmica existente no indianismo de Goa.

O padre goês Filinto Cristo Dias, em seu *Esboço da história da literatura indo-portuguesa*, de 1963, se propôs a documentar a história da literatura goesa, catalogando os autores goeses que escreveram em língua portuguesa desde o século XVI até os meados do século XX. No que diz

4 BRAGA, Duarte & GARMES, Hélder. Indianismos na poesia brasileira e goesa: os casos de Gonçalves Dias e de Paulino Dias. *Gragoatá*, Niterói, n. 41, p. 744-761, 2. sem. 2016.

respeito ao indianismo goês, o autor não o aproximou dos escritores românticos brasileiros, mas sim daqueles do período colonial, com o que se convencionou chamar de Arcadismo:

Assim como a partir do século dezoito a cultura lusíada implantada nas terras do Novo Mundo se foi desentranhando em rica floração de poetas como José de Santa Rita Durão, Cláudio Manuel da Costa, Alvarenga Peixoto, Manuel da Silva Alvarenga, Tomás Gonzaga e outros, assim também na Índia a língua portuguesa já manejada com desembaraço por um escol de intelectuais, criou no fim do século passado uma poesia original em que o verso português serviu de instrumento à expressão de imagens e motivos indiáticos. (DIAS, 1963, p. 35)

Ao notar que, no final do século XIX, os autores goeses fizeram um movimento para recuperação dos valores culturais hindus, trazendo para a literatura do período, um estilo de vida oprimido pela religiosidade católica, padre Filinto Cristo Dias ressalta a originalidade desse movimento, apesar das obras continuarem ligadas à Portugal, muito por conta do estilo de escrita, estando os seus autores muito comprometidos com o processo colonial.

Em termos de paralelismo histórico, Dias tem razão, na medida em que é mais apropriado comparar dois momentos dessas duas tradições em que a literatura se encontrava sob o jugo político-colonial. Todavia, quando se compara a produção literária propriamente dita, é evidente a aproximação da produção goesa com o indianismo brasileiro, na forma de eleger e trabalhar os tópicos pré-coloniais, na afirmação de uma identidade peculiar local que vai mesmo muito além desses mesmos tópicos.

Em contrapartida, Vimala Devi e Manuel de Seabra, dois importantes autores que, assim como padre Filinto Cristo Dias, se propuseram a registrar e a organizar a história literária de Goa, abordam em seu livro *A literatura indo-portuguesa*, de 1971, esse movimento, mas com um viés diferente. Para os autores, esses escritores tinham um propósito mais amplo, mais voltados para a afirmação de sua particularidade sociocultural que propriamente literária, sendo oriundo de um momento de apaziguamento das disputas políticas entre brâmanes e chardós,⁵ e que ganhou espaço por conta das ideias republicanas que haviam chegado em Goa no início do século XX.

5 Uma das castas mais altas de Goa, chardós eram os proprietários de terra.

Para Devi e Seabra, o indianismo enquanto movimento literário somente ocorreu a partir de 1906 com o surgimento da revista *Luz do Oriente* que foi a responsável por difundir a literatura indiana em Goa. Mesmo que Devi & Seabra compartilhem com padre Filinto Cristo Dias as características do indianismo em sua obra, discordam deste na cronologia do movimento, afirmando ter sido algo mais tardio. De fato, tomado *stricto sensu*, o indianismo literário goês é de fato um fenômeno da primeira metade do século XX. Todavia, tendemos a concordar com Dias, pois suas primeiras manifestações tiveram lugar já no final do XIX e Cristóvão Aires é um exemplo claro dessa ocorrência.

Se não temos dúvida que é nessa vertente literária que Cristóvão Aires está inserido, é importante lembrar que, sobretudo na poesia, sua obra também contempla o lirismo amoroso, a poesia moral, a poesia jocosa, entre outras. Pertencente ao grupo de “descendentes”⁶ de Goa, seu nome completo era Cristóvão Aires de Magalhães Sepúlveda (1853-1930). Aires nasceu em Ribandar, uma região localizada entre Pangim, hoje a capital do Estado de Goa, e a cidade hoje chamada de Goa Velha, que representou o auge da colonização portuguesa nos séculos XVI e XVII. Recebeu, como toda elite católica goesa, educação europeia. Já adulto, foi para Portugal e passou a vida profissional majoritariamente em Lisboa.

O autor tinha como principal atividade a carreira militar, mas sempre frequentou a vida intelectual e literária de Goa e, depois, de Portugal. Sua esposa era irmã da escritora e feminista portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho e Aires era grande amigo do renomado poeta português Tomás Ribeiro, autor de *D. Jaime*, que esteve em Goa no início da década de 1870, como secretário

⁶ Segundo Luís Cabral de Oliveira, as populações de Goa, no que tange às elites católicas, “compunham-se de reinóis, descendentes e naturais [...] Reinóis eram os europeus vindos do reino (Portugal), nomeados para o desempenho de uma comissão ou preenchimento de um lugar na administração civil, judicial ou religiosa na Índia. [...] Na maior parte das vezes, a sua passagem pelo oriente era efêmera. No entanto, houve sempre reinóis que permaneceram, o que contribuía para a renovação dos chamados descendentes. Esta designação é uma abreviatura de “descendentes de europeus”, aplicando-se a todos aqueles que haviam nascido em Goa ou noutros territórios do Estado da Índia e que, pelo menos em teoria, eram filhos ou netos exclusivamente de portugueses, sem qualquer vestígio de ascendência indiana [...] Restam as elites naturais católicas, grupo composto pelas mais influentes famílias de origem goesa que tinham aderido ao catolicismo e se vieram a ocidentalizar gradualmente, através de um processo que lhes permitiu conservar alguns traços importantes de épocas anteriores, nomeadamente o sistema de castas. (E—Dicionário da Terra e do Território do Império Português. Disponível em: [https://edittp.net/2016/03/21/elites-coloniais-goa/](https://edittp.net/2016/03/21/elites-coloniais-go/). Acesso: 08/12/2020).

geral do governo. Ali fundou o Instituto Vasco da Gama, onde conheceu Aires e o estimulou a prosseguir seus estudos em Portugal. A produção literária de Aires esteve sempre mais voltada para a poesia, tendo publicado os livros: *Indianas e portuguesas 1870-1875* (1879), *Novos horizontes 1875-1880* (1882), *Íntimas* (1885) e *Anoitecer* (1912). Também foi autor de dois livros de contos, *Lantejoulas* (1890) e o já referido *Longínquas: fantasias orientais* (1891), além de vasta obra sobre a história do exército português.⁷

Este artigo focaliza o segundo livro de contos de Aires porque é ambientado em Goa e aborda aspectos da vida goesa, misturando elementos românticos e realistas. Cristóvão Aires, sendo um precursor da vertente indianista da literatura goesa, empregou estratégias orientalistas para descrever e apresentar Goa ao público português, já que publicou todos os seus livros em Portugal. O orientalismo aqui referido, embasamento teórico desta análise, reporta-se ao conceito criado por Edward W. Said, em seu livro *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*, publicado originalmente em 1978.

Said analisou o processo histórico da colonização de diversos países da Ásia e notou que a Europa, a partir da formulação da disciplina acadêmica designada por Orientalismo, foi responsável por produzir um discurso que culminou com uma visão rebaixada e estereotipada dos países designados como orientais, colocando-os em oposição à suposta superioridade dos países europeus. Esse mecanismo discursivo foi usado para afirmar e justificar o empreendimento colonial europeu naquele continente. Afirma Said:

A minha tese é que os aspectos essenciais da teoria e da práxis orientalistas modernas (das quais devirá o orientalismo de hoje) podem ser entendidos não como um acesso súbito de conhecimento objetivo sobre o Oriente, mas como um conjunto de estruturas herdadas do passado, secularizadas, redistribuídas e reformadas por disciplinas como a filologia, que por sua vez eram substitutos (ou

⁷ De sua autoria são: *História da cavalaria portuguesa* (1889-1892, 4 v.) e *História orgânica e política do exército português*. (1896-1908, 4 v.), sendo o seu trabalho historiográfico o que lhe angariou maior reconhecimento no meio intelectual português.

versões) naturalizados, modernizados e laicizados do sobrenaturalismo cristão. (Said, 2003, p.131)

Esse discurso sobre a Ásia, transformado em um “sobrenaturalismo laicizado” a partir do final da segunda metade do século XVIII, baseado na distinção epistemológica entre Ocidente e Oriente, será adotado por várias outras áreas de conhecimento, como a política, as artes, a literatura, a antropologia etc.

No campo da literatura, ao Oriente estariam ligados o terror, a sensualidade, a promessa, o sublime, o prazer idílico, a alegria, a irracionalidade, o mistério, as crenças, a obsolescência etc. Como observa Said: “O orientalismo tem suas premissas na exterioridade, ou seja, no fato de que o orientalista, poeta ou erudito, faz com que o Oriente fale, descreve o Oriente, torna os seus mistérios simples por e para o Ocidente.” (Said, 2003, p. 32).

Sendo Cristóvão Aires um servidor fiel à empreitada colonial portuguesa na Ásia no âmbito de sua carreira profissional no exército, não é de se espantar que sua carreira literária também partilhasse dessa perspectiva colonialista e, portanto, orientalista. Um exemplo disso está logo no subtítulo do livro, “fantasias orientais”, sugerindo tratar-se de uma terra de sonhos, de delírios, de irrealismo, em oposição à suposta racionalidade europeia.

Um outro exemplo mais bem acabado do orientalismo presente na obra é o conto “A rainha”, que abre o livro *Longínquas* (1891). Neste conto, o narrador acompanha uma noite da vida do marajá de Chutepôr, um homem que, entediado com sua rotina, relembra seus principais casos amorosos. Senhor de um harém, todo o comportamento do marajá é caracterizado pela sua sexualidade, violência e sensualidade (Aires, 1891, p. 11). É notável a violência naturalizada existente na personagem principal, que assassina uma de suas concubinas por ter sido traído. Não bastasse, esse comportamento é justificado como fruto da própria sensualidade das mulheres do Oriente, que seriam “verdadeiras tentadoras” (Aires, 1891, p. 13) e, portanto, as verdadeiras culpadas do crime, sendo o marajá a pobre vítima.

A descrição do palácio do marajá faz da Índia um lugar exótico, com uma natureza exuberante e afrodisíaca. Essa apresentação tendenciosa da natureza está presente em outras narrativas do livro e será retomada mais adiante no conto aqui em foco.

Um outro notável exemplo do orientalismo presente em *Longínquas* aparece no conto “As Torres do Silêncio”, no qual o narrador acompanha Amir, uma garotinha que resgata um abutre. O pássaro encontrava-se em um lugar chamado Torres do Silêncio, espécie de cemitério onde os parses – povos que migraram do Irã para a Índia no século X – deixavam seus mortos para os abutres se alimentarem. É um rito funerário tradicional dos parses. No conto, entretanto, ele é retratado com aversão, desqualificando os parses em detrimento da cultura hindu e da cultura católica. Ocorre uma espécie de união entre as duas culturas contra a cultura dos parses. É mais um modo orientalista de se olhar para aquilo que não é eurocêntrico, neste caso compartilhado com uma espécie de hinducentrismo.

Esses são alguns exemplos de abordagens orientalistas no livro como um todo. Entretanto, uma análise mais detalhada de um dos contos possibilita um entendimento mais detido do orientalismo ali presente, que, naturalmente, não surge sem contradições, já que o autor nem sempre compactua com a perspectiva colonialista.

“O salteador” é o último conto do livro *Longínquas* e narra a história de Gangá, uma mulher que possui uma relação romântica com Custobá, um dos assaltantes mais temidos da região de Satari, localidade que fica no extremo-leste de Goa, divisa com o Estado de Maharashtra. Vale observar que Custobá é o nome de uma figura histórica,⁸ que pertencia ao clã dos Ranes⁹, tendo lutado contra as forças portuguesas, sobre o qual se falará mais adiante.

Gangá vive com a mãe em uma pequena cabana e, no início do conto, em razão de uma tempestade, elas aparentemente não percebem um grupo de homens à espreita do lado de fora. A jovem está aguardando seu amado retornar para casa e ele efetivamente volta. Apesar de ser um homem perigoso, Custobá é muito carinhoso e amoroso, trazendo uma pulseira de brilhantes para sua amada.

8 Ver o artigo “A província de Satari”, da *Gazeta das Colônias*, ano I, n. 22, de 10 de maio de 1925, p. 13-14.

9 De acordo com A. Lopes Mendes em sua obra *A Índia Portuguesa: breve descrição das possessões portuguesas na Ásia*, de 1886, pode-se entender os Ranes como um clã que chegou em Goa no século XV e que chefiou mais de uma província na Índia, inclusive Satari, em Goa. Essa definição pode ser dada em detrimento das próprias disputas que ocorriam entre diferentes braços dos Ranes pelo controle da província.

Eles se conheceram anos antes quando Gangá era casada com um homem muito mais velho, porém dotado de riquezas, e vivia infeliz. Em uma noite, o bando de Custobá decide assaltar a residência do casal. Os funcionários da casa são todos mortos a tiros e o marido de Gangá morre de susto, deixando a mulher e a mãe dela à mercê dos salteadores. Gangá, então, pede misericórdia por ela e pela mãe ao líder do grupo, Custobá, que se compadece, levando as duas mulheres com ele.

Retornando à cena inicial do conto, a emboscada do grupo de homens que cerca a casa prossegue, conseguindo assassinar Custobá logo pela manhã. Gangá é acusada, pelo bando de salteadores, como sendo a responsável pelo crime. Ela então decide fugir com a mãe para a casa de um batkar cristão. Batkar é o termo para se referir aos senhores de terras em Goa e aqui também podemos entrever uma valorização dos cristãos em detrimento dos hindus, pois ele é o único que demonstra compaixão pela jovem e sua mãe.

Todavia, o conto possui uma reviravolta, pois a mulher revela que foi ela quem entregou a localização do amado por ciúmes, ao pensar que Custobá sempre ia embora por ter outra mulher. Gangá acaba enlouquecendo por conta do remorso, mas também por toda a hostilidade que sofre por parte dos moradores da região, promovendo sua própria morte, ao se deixar picar por cobras venenosas.

Este conto é um exemplo muito claro das tendências orientalistas de Cristóvão Aires, mas também do indianismo goês referido anteriormente. É ainda em “O salteador” que encontramos algumas das grandes contradições presentes na obra de Aires.

Gangá é uma heroína romântica e é nessa personagem que podemos ver uma grande influência do poeta romântico Tomás Ribeiro. Ela é caracterizada inicialmente como uma jovem apaixonada, pura, que possui um bom coração e cuida da mãe idosa. Entretanto, mais adiante o leitor toma ciência de que seu coração não era tão nobre assim, pois, apaixona-se pelo homem responsável pela morte de seu marido e, depois, cega pelo ciúme, entrega seu amado à morte. Essa ideia de amor destrutivo pode ser interpretada como oriunda do romantismo europeu, isto é, do

mito da “mulher medusa” de que fala Mário Praz (1996). Todavia, essa figura também está presente no orientalismo, que frequentemente caracteriza as mulheres orientais como passionais e perigosas. Parece haver aqui a sobreposição dessas duas figuras femininas, ambas de matriz europeia.

O orientalismo pode ser encontrado também na descrição física de Gangá. Cristóvão Aires usa a palavra “sensual” diversas vezes para descrever fisicamente a jovem. Seus cabelos são cheios e acetinados, seu corpo aparece envolto por um sari¹⁰ vermelho que realçava suas “ondulações e curvas sedutoras” (AIRES, 1891, p. 136) e, em seus braços e pés, muitas pulseiras e anéis, sendo que uma das pulseiras possui a forma de uma serpente. Diversas vezes ao longo do conto, o narrador aproxima Gangá das serpentes, fazendo quase uma espécie de presságio da conduta suicida que a mulher irá revelar mais no desfecho da narrativa.

Toda a aparência física da indiana é feita para atrair espontaneamente, pois o narrador declara que Gangá não tinha a consciência desse poder de sedução. A sensualidade emanada da mulher surge de forma orgânica, natural, sem artifícios, como se as mulheres orientais possuíssem uma natureza sensual inata: “Tinha uma fascinação natural; e à primeira vista parecia dotá-la da argúcia da serpente e dos perniciosos filtros da mancenilha¹¹. Era, porém, uma beleza inconsciente, tendo em si o involuntário poder da flor que atrai, sem saber que atrai.” (AIRES, 1891, p. 136).

Se pensarmos nas mulheres portuguesas representadas nos contos do livro *Lantejoulas*, nenhuma delas possui os adjetivos que Cristóvão Aires usa para as mulheres indianas. Um exemplo dessa discrepância de tratamento está presente no conto “O refúgio da inocência”. A personagem principal é uma prostituta, para com quem o narrador revela grande empatia. Os fatos que a levaram àquela condição social são relatados de forma a demonstrar que ela foi sempre uma vítima das circunstâncias sociais. Já Gangá é considerada um ser essencialmente sensual e traiçoeiro,

10 Vestimenta tradicional das mulheres indianas com certo poder aquisitivo.

11 Fruto da mancenilheira, árvore venenosa. Mancenilheira. *Michaelis: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?palavra=mancenilheira&r=0&f=0&t=0>>. Acesso em: 17 de março de 2021.

ainda que também tenha sido vítima de Custobá quando eles se conheceram e tenha pago sua traição com a própria vida, voluntariamente.

Outros traços do orientalismo do autor aparecem associados a Gangá, mas se estendem a todos os asiáticos, como quando, após chegar em casa, decide descansar. O ato de sentar de modo relaxado é caracterizado pelo narrador como a “[...] preguiçosa atitude dos orientais[...]

 (Aires, 1891, p. 137). O conto todo foi feito de modo a trazer uma perspectiva recheada de estereótipos a respeito da cultura indiana, com o intuito de promover aquela diferença extrema entre Europa e Ásia presente no orientalismo e que reafirma a posição de superioridade da cultura europeia.

Outra característica de orientalismo neste conto está presente na personagem Custobá. Como dito anteriormente, a personagem recebe o nome de uma figura histórica muito importante na luta anticolonista de Goa. No segundo volume “Entre palmeiras (de Pangim a Salcete e Pondá)” da obra *Jornadas*¹², de Tomás Ribeiro, o autor, ao narrar também de modo orientalista e colonialista sua viagem até Goa, cita brevemente a história dos Ranes, permitindo que saibamos um pouco mais sobre como Custobá era lido da perspectiva colonialista.

No processo de colonização portuguesa na Índia, muitas famílias hindus perderam suas terras para a coroa portuguesa. Uma delas foi o clã dos Ranes, da província de Satari. De acordo com Tomás Ribeiro, em 1868 ou 1869 um sacerdote teria sequestrado uma das viúvas dos Ranes e, em seguida, acusado a família injustamente de assassinato, mesmo que toda Goa soubesse que eles não haviam praticado crime algum. Os Ranes decidem se vingar do sacerdote por conta própria com a ajuda de Custobá, visto que não obtiveram nenhum apoio das autoridades portuguesas que regiam a colônia.

É interessante notar que apesar do relato que mostra que os Ranes foram incriminados e abandonados pela justiça colonial, Tomás Ribeiro escolhe uma série de adjetivos pejorativos para retratá-los. Palavras como "dissimulados" e "quadrilha" para se referir à família são usadas ao longo do capítulo d'*As Jornadas*. Contudo, a questão mais orientalista e colonialista no discurso de Tomás

12 RIBEIRO, Tomás. *Entre palmeiras (de Pangim a Salcete e Pondá)* In *Jornadas*. Volume II. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2018. p. 225-226.

Ribeiro é que a história dos Ranês é usada para explicitar como a justiça em Goa era fraca e ineficiente. O caso do clã dos Ranês – a incriminação e, em seguida, a vingança – era um exemplo de como a Coroa Portuguesa deveria ser mais firme com os colonizados a fim de que não permitisse que casos dessa natureza acontecessem mais vezes. Para ele, somente com o poder da Coroa sendo mais forte e opressor é que os colonizados se manteriam na linha e casos de banditismo sociais iriam deixar de acontecer.

Cristóvão Aires decide referendar o pensamento colonialista ao retratar a figura de Custobá em seu conto como um fora da lei odiado pela sociedade. Este modo de representação não era aleatório, mas resultado da postura política e das convicções do autor. Aires, mesmo tendo tido uma educação europeia e identificando-se plenamente com a nacionalidade portuguesa, tinha forte apreço por sua identidade goesa, que defendia aguerridamente quando necessário. Em seu discurso, na câmara de deputados,¹³ cujo tema era a venda das colônias, em 1891, sendo o representante de Goa, advoga a favor da manutenção de Goa enquanto colônia portuguesa:

Não posso deixar de protestar contra esta asserção, sobretudo com respeito à Índia. O meu voto não teria individualmente valor, mas represento aqui, como deputado, o povo da Índia, convictamente português e afeito a metrópole, e dentro d'esse povo, português pela tradição e pela educação, represento aquela parcela que pelo sangue é representação mais legítima da nossa soberania n'aquelas paragens. (AIRES, 1891, p. 4)

A partir desse excerto de seu discurso, podemos constatar o quanto Aires defendia convictamente a manutenção do sistema colonial e se via como um português como qualquer outro, ainda que inevitavelmente consciente de sua origem colonial. Logo, uma figura como Custobá, que entrou em conflito direto com os dirigentes da colônia e desafiou a hegemonia de Portugal em Satari, não seria representada como um herói, mas sim como um vilão. A figura histórica é retratada no conto como um bandido perigoso e violento, acusada de cometer assaltos naquela região, revelando que Cristóvão Aires não reconhecia como legítimo o movimento de

13 AYRES, Christovam. *A venda da Índia*. Discursos proferidos nas câmaras dos senhores deputados. Lisboa: Imprensa Nacional, 1891. p. 4.

resistência que Custobá representava. É mais um momento em que o autor compactua com o colonialismo e com a visão orientalista. O narrador declara acerca de Custobá:

Diziam que aquele homem era o maior dos criminosos; o salteador de estrada que arrancava a vida para roubar impunemente; o bandido que incendiava as casas depois de as pôr a saque; o facínora sem coração que apunhalava as crianças, enquanto os seus soldados violavam e afrontavam as mulheres aos olhos dos pais doentes e velhos, ou dos maridos amordaçados; que onde ele entrasse entrava a fome, a orfandade, a viuvez, a miséria, o extermínio. E, contudo, quem o visse agora, aos pés d'uma mulher, rendido e contente, feliz com a esmola d'um afago, radiante de ventura, não julgaria por certo que era esse o mesmo homem cujo nome bastava para que tremessem de terror aldeias inteiras. (AIRES, 1891, p. 141)

O trecho acima é um bom exemplo desta representação colonialista. Ao longo do conto, não é referido nenhuma vez que Custobá era um opositor ao sistema colonial. Ele é apenas o líder de um grupo de salteadores que causa terror e destruição na província de Satari e fica implícito que faz isso por razões pessoais, sem que tenhamos qualquer relato de seu passado e nem de suas motivações. No conto, Custobá é uma personagem enigmática, pois seu único traço de humanidade é seu afeto por Gangá, que é demonstrado somente dentro da esfera doméstica. Fora da pequena cabana, o homem torna-se o maior inimigo público do governo colonial.

O excerto anterior mostra como Custobá é caracterizado de forma ambígua, pois ao mesmo tempo em que é considerado um fora da lei cruel, esvaziado de empatia, também se mostra um companheiro atento e carinhoso, completamente apaixonado por Gangá. Sua primeira aparição no conto é justamente em seu retorno para a casa de sua amada, fato que, como dito anteriormente, é o momento que Gangá o denuncia, em razão de seu ciúme pelas ausências dele. Essa caracterização ambígua de Custobá não está presente apenas na personagem, mas pode ser encontrada na figura do próprio autor do conto.

Como dito anteriormente, Aires era um descendente e gozava de todos os benefícios de pertencer à classe dominante católica da colônia. Essa vivência privilegiada permitiu que tivesse uma educação europeia e fez com que o autor pudesse sair de Goa e construir uma sólida carreira na metrópole. Seu grupo de origem em Goa e sua formação intelectual promoveram uma visão

orientalista da realidade goesa, descrevendo sua terra natal de modo a ser palatável aos valores e preconceitos do público português. Também sua formação literária era europeia. Citando mais uma vez Joana Passos (2012), podemos entender as opções narrativas de Cristóvão Aires:

Na medida em que padrões da estética romântica continuarão a moldar aspectos da escrita goesa em português, estes autores não se libertam de um certo “saber fazer” técnico assimilado de modelos das literaturas europeias. [...] Assim, a escrita goesa invoca e reproduz padrões ideológicos e motivos estéticos de inspiração orientalista. (PASSOS, 2012, p. 142)

Sendo muito influenciado pela obra de Tomás Ribeiro e pela cultura europeia como um todo, Aires escreve nos moldes europeus e se coloca ao lado dos europeus, sendo este um sinal claro da força ideológica do colonialismo português, assim como do lugar privilegiado que seu grupo de origem ocupava em Goa.

Apesar de toda essa formação europeizante, quer no âmbito da literatura, quer no âmbito ideológico, Aires era um goês e, provavelmente, em parte por força da verossimilhança, em parte por força de sua ligação com Goa, acaba por atribuir humanidade a Custobá, fazendo com que o leitor lamente sua morte, mesmo sabendo de todos os seus crimes. Desse modo, a humanidade do colonizado rebelde é preservada, ainda que sua posição de resistência ao colonialismo tenha sido criminalizada e condenada.

Essa leitura do apagamento da dimensão política da personagem Custobá se fazia possível sobretudo a partir da recepção do conto em Goa, pois nada na narrativa remete ao conflito colonial. Se aos portugueses da metrópole podia escapar a referência histórica do nome de Custobá, certamente o mesmo não acontecia em Goa, onde o conto era muito provavelmente lido nessa chave, independente do lado que se tomasse da contenda. Ao humanizar Custobá, Aires abre um flanco em sua trincheira colonialista.

Esse flanco está aberto também na apresentação da cultura hindu perdida com a colonização, o que pode ser constatado em algumas descrições que o autor faz da vida indiana no mesmo conto. Cristóvão Aires se preocupa com o detalhamento daquilo que é propriamente

indiano. Neste conto, e em todos que fazem parte de *Longínquas*, Aires deixa Portugal de lado e coloca seus esforços em retratar Goa em variados aspectos.

A primeira instância de representação goesa repleta de detalhes pode ser encontrada na descrição das próprias personagens. Aires não poupa descrições ao apresentar Gangá ou Custobá:

O corpo esbelto era artisticamente cingido por um sari, túnica verde-escura com franjas de seda escarlate, a qual, depois de traçada entre as pernas, em dobras largas na frente, vinha, com a orla superior, de franja mais larga e bordada, cobrir-lhe o seio, redondo como um peito de rola, e apertado n'um chól¹⁴ de seda vermelha, que mais lhe pronunciava as ondulações e curvas sedutoras. (AIRES, 1891, p. 136)

Nesta passagem podemos ver que o autor se preocupou em descrever com riqueza o sari que Gangá usava: as cores, as texturas e o modo com que ele foi passado ao redor do corpo da mulher. Aqui, o físico da personagem não fica por conta da imaginação do leitor, pois o autor delimita o contorno de Gangá, marcando fortemente sua vestimenta tipicamente indiana. Além disso, a casa da personagem e de sua mãe é apresentada também com muitos objetos do país e da região, como um cobertor de Damão, um quadro que representa as famosas bailadeiras, dançarinas que viviam nos templos hindus, além de desenhos dos deuses hindus, como Indra, Ragú e Parboti.

Tudo isso são pequenas contribuições que existem no conto para dar verossimilhança ao enredo, transportando o leitor até a província de Satari. Cristóvão Aires aproxima a Índia de Portugal, recuperando as figuras há muito tempo forçadas ao esquecimento pela colonização. Essa recuperação é a característica principal de sua obra, mas também da voga indianista a que ele prenunciava.

Outro exemplo que podemos ter dessa apresentação da Índia no conto diz respeito ao momento em que Custobá chega à pequena cabana onde Gangá vivia:

Arrojadas para longe as alparcas, com um movimento brusco, pendurou n'uma corda suspensa do teto a manta encharcada e tirou o turbante da cabeça,

14 Define-se chól (ou chóle) como um corpete usado pelas mulheres indianas por baixo do sari; Chóle. DALGADO, Sebastião Rodolfo. *Glossário Luso-Asiático*. Coimbra: Volume I, Imprensa da Universidade, 1919. p. 278.

deixando ver o crânio raspado em volta, e tendo pendente do alto uma grossa trança preta. [...] Um curto *dothi* (pano com que envolvia o corpo para baixo da cintura, e até ao joelho) era apertado na cinta por um grosso *muje*¹⁵ de prata. Trazia a tiracolo umas linhas brancas, sinal de casta distinta. (AIRES, 1891, p. 138 e 140)

Essa descrição é um exemplo muito evidente de como Cristóvão Aires buscava explicar as tradições indianas aos seus leitores, elucidando até o estatuto de casta da personagem. Apesar do orientalismo, o autor coloca Goa no radar da literatura de língua portuguesa, ou seja, ao descrever o espaço e as personagens, Aires atribui estatuto literário à região.

Essa atribuição faz com que Goa torne-se não apenas um objeto de estudos ou de comparação com Portugal, mas sim, um lugar digno de figurar também no campo da literatura. Goa, então, deixa de ser apenas mais uma das colônias lusitanas e passa a ser um local com tradição e cultura próprias. O autor não dá as costas à sua terra natal, mas a recupera em seus contos e poemas,¹⁶ levando Goa para a metrópole e, assim, trazendo o universo cultural da Índia e daquela colônia para o cenário literário português.

Outro diferencial deste estatuto literário que Goa recebe é o fato de vir das mãos, não de um viajante europeu que emite opiniões baseadas em seu olhar totalmente eurocêntrico e preconceituoso, mas de um goês, que viveu parte de sua vida naquela região e, portanto, entende a dinâmica daquela sociedade. Cristóvão Aires tem a licença poética para executar tal tarefa, ainda que não tenha se livrado dos modos europeus de escrever.

Um último exemplo que podemos retirar do conto diz respeito a descrição da natureza ao redor da pequena cabana onde Gangá mora. Ainda que empregando um tom romântico, podemos perceber a riqueza de detalhes ao mostrar Goa para o leitor:

Os *pirilampos* brilhavam nas terras como um enxame de pequenos topázios, entrecruzando-se no espaço. As rãs coxavam nos charcos improvisados em toda a

¹⁵Palavra de origem africana: cinto feito de metal ou miçanga; Muje. *Priberam Dicionário*. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/muje>>. Acesso em: 17 de março de 2021.

¹⁶ Para uma análise literária dos poemas, ler a obra já citada de Joana Passos, *Literatura Goesa em português dos séculos XIX e XX*, de 2012.

parte pelo inverno, e de quando em quando, ao longe, ouvia-se o ronco do tigre real respondendo aos uivos lúgubres dos adibes¹⁷. A espaços fuzilavam os relâmpagos, alumando a vastidão dos campos, das várzeas e dos céus carregados de nuvens. Estava iminente a tempestade. (AIRES, 1891, p. 132-133)

Junto com os demais excertos do conto explicitados neste artigo, podemos perceber que a obra de Aires traz certa ambiguidade que pode ser vista com estranhamento pelo leitor desavisado, mas precisa ser entendida dentro do próprio movimento literário a que o autor estava inserido. Conciliar duas coisas, à primeira vista, inconciliáveis, viria a ser o lugar comum dos indianistas. Aires consegue unir o orientalismo, que faz a demonização de uma personagem histórica anticolonialista e erotiza e irracionaliza a mulher hindu, à encenação da região de Satari em Goa.

Se olharmos para o Brasil, podemos estabelecer alguma analogia com o que Gonçalves Dias e José de Alencar fizeram em suas obras, retratando os indígenas brasileiros com os valores e as características físicas de cavaleiros medievais, reafirmando, assim, a suposta supremacia da cultura europeia em detrimento do que julgavam ser a cultura genuinamente brasileira, resultando, em outro plano, em sua afirmação de seu lugar de classe dominante na sociedade brasileira pós-independência.

Portanto, podemos constatar que essa ambiguidade que permeia a obra de Aires não era exclusiva do autor, mas sim uma tendência dos autores indianistas como um todo. Sendo precursor deste movimento literário, Aires unia a herança cultural goesa com a escrita europeia.

Historicamente, os movimentos anticoloniais de Goa tomam maior força a partir de meados do século XX, mas Cristóvão Aires pode ser um bom exemplo dessa primeira tentativa de representação de Goa ainda orientalista, mas já com prestígio suficiente para ser o cenário de uma obra literária. Entender a posição desse autor na esteira da história colonial goesa é primordial para entendermos todas as contradições existentes em sua obra, que resultam, em nosso entendimento, em seu verdadeiro valor e sentido.

17 Define-se adibes como uma espécie de raposa que é frequente na região de Goa; Adibes. DALGADO, Sebastião Rodolfo. *Glossário Luso-Asiático*. Coimbra: Volume I, Imprensa da Universidade, 1919. p. 11.



REFERÊNCIAS

AIRES, Cristóvão. *Anoitecer*. Lisboa: Livraria Ferreira, 1912.

AIRES, Cristóvão. *História da cavalaria portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1889-1892, 4 v.

AIRES, Cristóvão. *História orgânica e política do exército português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1896-1908, 4 v.

AIRES, Cristóvão. *Indianas e portuguesas, 1870-1875*. Porto: Imprensa Portuguesa Editora, 1879.

AIRES, Cristóvão. *Íntimas*. Lisboa: Tipografia do Jornal do Comércio, 1884.

AIRES, Cristóvão. *Lentejoulas: contos*. Lisboa: Tipografia do Jornal do Comércio, 1890.

AIRES, Cristóvão. *Longínquas: fantasias orientais*. Lisboa: Tipografia do Jornal do Comércio. 1891.

AIRES, Cristóvão. *Novos horizontes, 1875-1880*. Lisboa: Livraria Editora de Henrique Zeferino, 1882.

AYRES, Christovam. *A venda da Índia*, Discursos proferidos nas câmaras dos senhores deputados. Lisboa: Imprensa Nacional, 1891. p. 4.

Adibes. DALGADO, Sebastião Rodolfo. *Glossário Luso-Asiático*. Coimbra: Volume I, Imprensa da Universidade, 1919. p. 11.

A PROVÍNCIA DE SATARI, *Gazeta das Colónias*, ano I, n. 22, 10 /05/1925, p. 13-14. Acesso: 20/12/2020. Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/GazetadasColonias/N22/N22_master/N22.pdf>.

BRAGA, Duarte & GARMES, Hélder. Indianismos na poesia brasileira e goesa: os casos de Gonçalves Dias e de Paulino Dias. *Gragoatá*, Niterói, n. 41, p. 744-761, 2. sem. 2016.

Chóle. DALGADO, Sebastião Rodolfo. *Glossário Luso-Asiático*. Coimbra: Volume I, Imprensa da Universidade, 1919. p. 278.

DEVI, Vimala e SEABRA, Manuel. *A literatura indo-portuguesa*. Lisboa: Junta de investigações do Ultramar, 1971, 2 v.



DIAS, Filinto Cristo. *Esboço da História da Literatura Indo-Portuguesa*. Goa: Tipografia Rangel Bastorá, 1963.

Mancenilheira. *Michaelis: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?palavra=mancenilheira&r=0&f=0&t=0>>. Acesso em: 17 de março de 2021.

MENDES, Lopes A. *A Índia Portuguesa: breve descrição das possessões portuguesas na Ásia*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1886. p. 1-4.

Muje. *Priberam Dicionário*. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/muje>>. Acesso em: 17 de março de 2021.

OLIVEIRA, Luís Cabral. “Elites coloniais (Goa)”. In *E—Dicionário da Terra e do Território do Império Português*. Disponível em: <<https://edittip.net/2016/03/21/elites-coloniais-go/>>. Acesso em: 08 de dezembro de 2020.

PASSOS, Joana. “O indianismo do princípio do século XX”. In *Literatura goesa em português nos séculos XIX e XX, Perspectivas pós-coloniais e revisão crítica*. Editora Humus, 2012, p. 135-144.

RIBEIRO, Tomás. Entre palmeiras (de Pangim a Salcete e Pondá In *Jornadas*. Volume II. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2018. p. 225-226.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, [1978] 2003.

Envio: Agosto de 2021.
Aceito: Setembro de 2021.